A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA

Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... $030 réis
Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... $200 »
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1$200 »
Numero avulso..... $040 »

Publicação quinzenal
N.º 11
Março de 1886

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, Imprensa Nacional, Lisboa.
Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

O NOSSO RENASCIMENTO

X

QUESTÕES DE ENSINO

Vamos dar, como promettemos, a rasão por que consagrámos tantos artigos a uma questão que talvez tivesse mais cabida n'um jornal de pedagogia, isto quando assumptos de maior actualidade certamente exigiriam, de preferencia, as attenções da nossa aliás descolorida palavra; mas para nós, e já agora cremos que para quasi todos os espiritos attentos, as questões de instrucção sobrelevam todas, e quanto maior for a area cultivada da intelligencia portugueza, tanto mais se elevará o nivel das diversas manifestações da nossa actividade como nação. Isto hoje até está tão provado que já mesmo é banal escrever periodos para o demonstrar.

Augmentado o capital de sciencia n'alguns cerebros, creado n'outros, os juros que d'ahi advirão á massa geral serão taes, que em todas as mais distantes moleculas, nos mais pequeninos atomos do corpo social se reconhecerá logo tão benefica influencia; e assim, milhares de problemas que pela natureza complexa das suas premissas a muitos parecem insoluveis e irreductiveis terão lentamente uma resolução segura e logica, fazendo-se pouco a pouco a luz nos pontos ainda os mais escuros.

Então, qualquer que seja o caminho para que nos lancem os nossos impulsos, as nossas habilitações, os nossos gostos, ou simplesmente as nossas necessidades e conveniencias, nós teremos a certeza de não encontrar desvios onde nos percamos, nem ravinas onde nos afundemos, tendo ao menos aprendido a ver claro. E saber ver é muito, e ás vezes póde ser tudo.

É certo que ha hoje uma escola de desconsoladora e negativa philosophia, que começa a prégar com insistencia que a instrucção muito diffundida é um perigo, e não faltam, bom Deus, proselytos que sustentem e levitas que propagandeiem a felicidade da ignorancia.

Dá-se até — contradicção vergonhosa — o facto curioso de partir esse brado de scepticismo estiolante, de descrença mortal, justamente de alguns espiritos eminentes e lucidissimos, que tendo mordido todos os pomos da arvore da vida, os foram successivamente lançando fóra, desilludidos e tristes, como quem sente remorder-lhe os labios o travo da desillusão e o queimor da sêde dos eternos insaciados...

Mas se é doloroso, profundamente doloroso até, que para esses espiritos roidos pelo verme cruel da suprema duvida não alvoreje emfim a doce claridade pacificadora e amiga, o alegre oasis embalsamado e fresco de uma certeza ou de uma esperança sequer, não é menos doloroso, nem menos lamentavel que elles queiram negar ao maior numero o ingresso quanto mais não seja nos aditos d'esse formoso templo que se chama a sciencia.

Ah! nós bem sabemos por uma lancinante e amarga experiencia pessoal, quanto exacerba e fere esta ancia constante do nosso espirito para um mundo, que em balde procurâmos com o olhar; nós bem avaliâmos a agonia sem nome que n'este mundo é quasi sempre a partilha dos que eternamente buscam a luz de um astro, que emfim os esclareça, mas que por ora só os deslumbra e os offusca sem deixar que o fitem; e nem conhecemos epopeia maior que aquella, que está sendo dia a dia escripta com sangue e com lagrimas, por toda uma legião de sonhadores e de visionarios; finalmente, cremos que nenhum martyrio poderá, não diremos exceder, mas imitar sequer o que, novo Pellicano impiedoso — devora como o da fabula, as entranhas d'estes modernos Prometheus da idéa; mas que querem? — é assim o mundo, é assim a vida, é assim a sciencia, e já agora não ha fazel-as melhor.

Todavia, porque muitos, depois de terem penetrado o intimo de quasi todas as verdades, procurando sem descanso descortinar emfim o laço mysterioso e sagrado que as une a todas e que deverá constituir de certo a verdade suprema, sentem estalar-lhes na alma a tempestade horrenda e medonhamente ullulante de todas as interrogações sem resposta, não é isso sufficiente para que vamos negar ao maior numero, áquelles que porventura nunca sentirão acaso nem uma só das dores que torturam esses forçados da intelligencia, a consoladora alegria que instillam na alma os luminosos versiculos da religião do *a b c*.

Impedir uma ventura incomparavel e *incalculavel* á multidão só para poupar os tormentos e as angustias que hão de provar o animo de alguns poucos — porque são poucos relativamente fallando, os que a

final ascendem aos declivosos alcantis da sciencia— é, alem de profundamente deshumano, supinamente egoista.

Demais, nós não temos um tal direito, assim como não temos direito de interceptar ao mais rudimentar organismo a luz do sol, que o dictado tão caracteristicamente diz ser para todos quando nasce.

E, porém, curioso que estes partidarios de tão dissolvente doutrina, cujas consequencias, a espalharem-se, tão funestas seriam ao progresso da civilisação, coincidam com a opinião cerebrina de todos os velhos caturras, seguidores acerrimos da rotina e adeptos ferrenhos do conservantismo, que odeiam a luz por ser luz, e detestam o progresso,—por lhe terem medo.

De fórma que n'um mesmo pensamento—a vantagem da ignorancia—vem a convergir,—coincidencia notavel—a simples expansão doentia ou apaixonada dos que, comquanto robustecidos com toda a sciencia dos livros e do mundo, julgam ser o ensino uma triste calamidade, que se não deve fazer alastrar muito, e o obscurantismo crasso dos que desejariam ver a inercia, e a immobilidade consagradas como dogmas inatacaveis—porventura com vergonhosos intuitos.

Uns, servindo embora a civilisação em mais do que um campo, tendo ás vezes nomes gloriosos e possuindo sempre ou quasi sempre, apesar das decepções, o amor inextinguivel do estudo, são contra a diffusão do ensino, não por considerarem alguem indigno d'elle, mas por julgarem fatal para a consciencia o dia em que todos os ignorantes se tenham elevado da pura animalidade dos instinctos até á febre devoradora das paixões; outros, suppondo-se filhos, não do mesmo limo vil que nos formou a todos, mas de alguma casta superior e inaccessivel, combatem-no porque tremem por si e pelas suas immunidades. Mas ambos, partindo aliás de pontos tão oppostos, se encontram n'esse desejo egoista, e fariam para o conseguir os maximos esforços.

Certamente que os primeiros, qualquer que seja a estranha philosophia que lhes dicta as suas leis, são-nos todavia sympathicos, porque muitos d'elles soltam esse desabafo, ralados pelo martyrio intimo das suas proprias duvidas; os segundos, porém, esses francamente envergonham-nos ou incommodam-nos, tanto mais que alguns de entre elles abrigam no animo um tal desejo para mais facilmente fazerem da multidão uma especie de plasma amoldavel a todos os caprichos.

Porque por desgraça, já o disse Breal, «ha quem pense que um povo ignorante deixa mais facilmente dirigir-se»; obcecados ou inscientes, não vêem ser esse um «calculo egoistico e todos os dias desmentido pelos factos. A ignorancia é tolamente desconfiada, não tem fé senão em si, e é por isso mesmo que não tendo a menor lei engana todas as previsões».

Quanto aos que amando a civilisação, lastimam comtudo os tremendos supplicios que ella accorda, lembremo-nos ainda d'estas palavras do eminente professor do collegio de França:

«Os progressos só são possiveis n'uma nação quande toda a gente collabora n'elles, e as melhores idéas ficam sem effeito quando acham intelligencias entorpecidas por uma longa rotina.»

Não, não neguemos a instrucção só porque ella fará alguns infelizes intellectualmente fallando; esses mesmos, passadas as horas crueis do seu paroxismo, não terão coragem para maldizer a sciencia, e nem deixarão de pagar por todo o preço o pão espiritual do saber, só porque um pouco de fermento lhes azedou algumas das suas illusões douradas... Em compensação elles tiveram e gosaram as indefiniveis e supremas alegrias de um mundo immaterial, alegrias que nenhum dinheiro compra e nenhum poder confere, porque vivem na região immaculada da intelligencia, e distillam de si a eterna poesia do amor do bello, intangivel a todas as paixões da terra. Alem de que estes gosos, de ordem puramente espiritual, vem muitas vezes acompanhados do augmento de maior bem estar no conflicto pratico da vida, e ainda n'este ponto seria ocioso cantar aqui um hymno em louvor da sciencia.

Mas, ha mais: no caso especial do nosso paiz, esparzir e disseminar a instrucção é salval-o da bancarota das idéas, e assegurar-lhe um futuro desassombrado e feliz.

Quando são já tão visiveis n'alguns ramos os desejos sinceros que elle tem de progredir, quando até no parlamento vão tendo um echo cada vez mais forte, as unicas questões consistentes, uteis e serias que a cada passo suscitam o exame e o estudo das sociedades contemporaneas, quando finalmente governos e governados se têem ido compenetrando de que a paixão declamadora e esteril da politica pela politica, é uma doença perigosa, de effeitos dissolventes e de consequencias lethaes, o que mais se precisa é aproveitar as boas tendencias que a pouco e pouco se manifestam, encaminhando-as e dando-lhes a cohesão de que ellas carecem, e para isso o melhor e o mais proficuo é instruir e educar.

Depois, como entre nós ha muito e n'alguns pontos ha tudo a fazer, por isso escolas, muitas escolas de tudo, para tudo e para todos, deve ser o essencial objectivo de quantos amam sinceramente este bello rincão da peninsula; e na industria, nas diversas applicações da sciencia, no commercio, emfim, espalhar a luz é fazer o maior de todos os serviços que se podem exigir aos descendentes de um paiz glorioso e heroico.

Por assim pensarmos, foi que ao resolvermos iniciar, sob o titulo que tem encimado estes artigos, um certo numero de questões, quanto a nós importantes, entendemos dever começar pela primeira de todas, a questão do ensino, como até já tivemos occasião de o dizer, e isto por ser convicção nossa muito arraigada e profunda, que resolvida ella com a firmeza e a energia que exige, estarão no caminho de uma solução rapida todas as demais, por muito complexas que se nos afigurem, visto como em ultima analyse todas ellas vem prender com esta.

Não têem outro movel as considerações que muito sinceramente e sobretudo *muito despretenciosamente* nos levaram a indicar algumas reformas de que julgâmos susceptivel o ensino portuguez, e assim cremos que serão tomadas.

Sem má vontade e sem juizos preconcebidos contra quem quer que fosse, alenta-nos a esperança de que todos suppõem que desejâmos apenas ser justos.

E por hoje nada mais diremos. AFFONSO VARGAS.

UM TORPEDO INTELLIGENTE [1]

II

DIFFERENTES ESPECIES DE TORPEDOS

Conhecida, d'um modo geral, a constituição de um torpedo, vamos dar uma idéa muito rapida das differentes maneiras por que podem ser aproveitados os effeitos d'esta terrivel machina de guerra.

Escolhidas, durante a paz, certas posições que suppomos convenientes para a defensa de uma costa, da entrada d'um porto, d'uma barra ou d'uma passagem, ahi estabeleceemos torpedos, a que podemos dar o nome de *fixos* ou *defensivos*. Pelo contrario, chamaremos *moveis* ou *offensivos* aos torpedos destinados ao ataque e defensa, podendo exercer a sua acção em qualquer logar para onde sejam dirigidos ou transportados.

A defensa da barra d'um rio obter-se-ha distribuindo pelo seu fundo um certo numero de torpedos fixos, que, pela sua posição especial, têem jus á designação de *dormentes* ou *de fundo*. Se, porém, pela addição de boias convenientemente dispostas, fizermos com que os torpedos fixos estejam, não assentes no fundo, mas fluctuantes entre duas aguas ou perto da superficie livre da massa liquida, distinguil-os hemos dos precedentes, chamando-lhes *fundeados*.

De tres modos conseguimos fazer explodir os torpedos *de fundo*. Umas vezes é um observador collocado em terra que, esperando o momento em que o navio inimigo passa sobre a linha de torpedos, determina a explosão d'aquelle que mais prejudicial póde ser ao atacante, e, n'este caso, os torpedos dizem-se *simples* ou de *observação;* outras vezes, é o proprio navio quem se encarrega de fazer rebentar o torpedo, por se achar este ligado a uma boia que, invisivel e a pequena profundidade, facilmente é chocada pela embarcação, resultando d'este choque a explosão do torpedo, que será *electro-automatico* ou *de choque indirecto;* finalmente, combinando estes dois systemas, teremos os torpedos *mixtos*.

Os torpedos *fundeados* dizem-se *altos* ou *de contacto* quando estão tão proximos da superficie livre das aguas, que os navios os chocam directamente, fazendo-os explodir; situados a maior profundidade, e exigindo, portanto, uma boia para se effectuar o contacto com o objecto a destruir, denominam-se *profundos*.

A communicação do fogo dos torpedos *altos* póde fazer-se por meios mechanicos, e teremos então torpedos altos *mechanicos;* ou por intermedio da electricidade, e, n'este caso, os torpedos altos serão *electricos*.

A acção mechanica pela qual se consegue a inflammação da carga póde consistir n'uma fricção, ou n'uma pressão, ou na fractura de dois envolucros de vidro, contendo certas substancias que, vindo ao contacto, dão logar a uma reacção chimica acompanhada de uma elevação de temperatura sufficiente para inflammar a carga. No primeiro caso, os torpedos altos mechanicos serão *de fricção;* no segundo, *de pressão;* e, no terceiro, *de acção chimica*.

Os torpedos *altos electricos* pódem inflammar-se por effeito de correntes que provenham de baterias electricas collocadas em terra, ou de pilhas existentes nos proprios torpedos ou nas ancoras que os prendem ao fundo. Os primeiros recebem a denominação de *electro-automaticos em communicação com a terra* ou *de contacto electrico;* os segundos, a de *electro-automaticos sem communicação com a terra* ou *auto-electricos*.

Os torpedos *fluctuantes isolados*, presos a uma ancora por meio de um cabo muito comprido, podem considerar-se como uma variedade dos torpedos altos. Quando a um cabo, preso em terra ou em boias, se ligam muitos torpedos pequenos de contacto munidos das competentes boias, temos o que se chama um *rozario fixo*, que se considera tambem como uma variedade dos torpedos altos.

Passemos agora ao estudo dos torpedos *moveis* ou *offensivos*. Alguns, de pouca applicação, constituem verdadeiros fluctuadores que, abandonados á tona de agua, são levados pela corrente ao encontro do objecto a destruir: estes torpedos dizem-se *fluctuantes*. Outras vezes, toma-se um systema como o dos rozarios fixos, e prendem-se os chicotes do cabo, não á terra nem a boias fixas, mas a dois barcos que, no momento opportuno, avançam para o navio inimigo: temos então os *rozarios moveis*. N'outros casos, o torpedo é preso á extremidade de uma antenna ou longa vara que, transportada n'uma lancha propria, permitte approximar o torpedo do navio inimigo, e fazel-o explodir sem perigo para a tripulação da lancha: é o caso dos torpedos *de antenna*. Outro systema consiste em adoptar uma forma e disposições particulares pelas quaes se consegue que o torpedo, rebocado por um navio, se afaste d'elle no momento julgado propicio, e, mergulhando, vá rebentar inferiormente ao costado da embarcação inimiga: é o systema dos torpedos *rebocados* ou *divergentes*. Finalmente, de terra ou de barcos adequados que recebem a denominação de *torpedeiros*, lançam-se, por um meio qualquer, na direcção desejada, torpedos construidos por fórma a terem um movimento proprio, automatico, e a explodirem apenas contactam com o navio inimigo: temos então os torpedos *automotores* ou *automoveis*.

A carga de um torpedo nunca se inflamma directamente: o fogo é-lhe transmittido por uma peça chamada *espoleta*, que contém um mixto explosivo de extrema sensibilidade. A inflammação da espoleta faz-se por meio de uma corrente electrica, ou por intermedio de uma acção mechanica, ou combinando os dois systemas; a adopção d'estes tres processos permitte distinguir os torpedos em *electricos, mechanicos* ou *automaticos* e *mixtos*.—Os torpedos *de fundo* são sempre *electricos*.

JAVDAC.

[1] Vidè n.º 9.

OS ORGANISMOS VIVOS DA ATMOSPHERA

I

Differentemente do que outr'ora se pensava, o ar não é apenas a simples mistura de oxygenio e de azote, na proporção de 21 para 79 partes, encerrando alguns millesimos de acido carbonico, uma quantidade variavel de vapor de agua e um pouco de hydrogenio carbonado. Modernamente os trabalhos de varios sabios, demonstraram que alem de tudo isso, dos vestigios do ozone e do ammoniaco, etc., já descobertos pela sciencia, era preciso ainda juntar diversos elementos contidos nas chamadas *poeiras*, que andam em suspensão no espaço, e isto explica a importancia cada vez maior da micrographia atmosphérica.

É certo que já se não ignorava o facto de ser a composição do ar puro, modificada por circumstancias diversas, taes como a combustão do carvão, o que se observa por exemplo na atmosphera de muitas cidades inglezas, em consequencia da enorme quantidade das suas fabricas; a respiração dos animaes, tambem facilmente verificavel, entrando-se n'um estabulo ou n'uma cavallariça, a decomposição de materias organicas pela putrefacção ou pelo trabalho natural de desassimilação das moleculas, etc., e d'ahi vinha o dizer-se não só que o ar tinha côr, que todos sabem ser azul, visto em massa, mas, o que é mais curioso, que tinha cheiro. E effectivamente era e é isso verdade, porque nem tem apenas um cheiro geral, mas varios cheiros especiaes, segundo as causas exteriores que n'elle actuem.

Como, porém, isto ainda não fosse bastante, veiu a confirmar-se a hypothese de que elle tivesse tambem, alem de tudo isso, os seus habitantes especiaes, e esses habitantes, conhecidos na technologia medica pelo nome de germens, são realmente uns micro-organismos aos quaes até se tem attribuido uma parte importantissima na diffusão e propagação das diversas affecções morbidas a que a medicina attribue um caracter epidemico.

Certamente que ha muito já se suspeitava ser a atmosphera o conductor natural das epidemias; o que, porém, não passava de uma hypothese scientifica, provavel sim, mas em todo o caso hypothese, pre-

tende-se agora demonstrar experimentalmente com repetidas analyses de varias porções de ar a que têem procedido muitos sabios notaveis, e parece ter-se conseguido já o *desideratum* a que se aspirava.

De fórma que essas particulas, especies de sementes ou esporos das plantas microscopicas, tão diminutas que quasi se não distinguem, e que se consideravam como a origem immediata e natural de muitas enfermidades, essas particulas a que já Lucrecio se referira no seu poema, e que nós temos, por exemplo, occasião de observar atravez de um raio de sol que a frincha de uma janella deixe passar, essas particulas absorveram finalmente a attenção e o estudo dos contemporaneos, e eis ahi naturalistas e micrographos procurando resolver o problema. Foi Ehrenberg quem primeiro mostrou que o ar transportava uma porção consideravel de detrictos organicos e de particulas mineraes, onde havia ferro em larga copia, e o que mais actuou para este genero de investigações foi sem duvida o estudo das epidemias de cholera que n'este seculo invadiram a Europa repetidas vezes, julgando-se encontrar no ar atmospherico o germen productor da doença, germen que os ventos arrastariam comsigo. Não se conseguiu, porém, cousa alguma de definitivo, pela falta de um bom methodo de analyse, mas felizmente Pouchet, um naturalista notavel e ao mesmo tempo um eminente physiologista, analysando com uma extraornaria paciencia e com uma attenção infatigavel innumeras amostras de poeiras atmosphericas colhidas em sitios diversos, nas praças, nos hospitaes, nos theatros, em casas particulares, etc., entrou de vez no verdadeiro caminho da micrographia aerea, e para isso inventou mesmo um apparelho—*o aeroscopo*, que é ainda hoje considerado o melhor instrumento para analysar rapidamente qualquer amostra das immensas e diversissimas poeiras que a atmosphera encerra, mineraes ou organicas, vivas ou putrefactas.

Lembrando-se de projectar o ar que desejava analysar, em jactos tenuissimos de encontro a uma lamina de vidro coberta de glycerina, a poeira fixando-se á lamina permittia facilmente a analyse, feita depois com o auxilio do microscopio. Isto levou Pouchet a formar uma lista muito elucidativa das particulas de todas as qualidades e procedencias, que por tal meio se podem descobrir, varios animaes resequidos e infinitamente pequenos: como esqueletos de infusorios, pedaços de antennas de coleopteros, vibriões de innumeras especies, pellos de lã dos nossos fatos, ovos de infusorios, pellos de morcegos, escamas de azas das borboletas, etc.

Juntaremos ainda os corpusculos pertencendo ao reino vegetal, não menos numerosos, e entre os quaes se vêem restos de tecidos de plantas varias, fibras linhosas, filamentos de algodão, granulos de fecula, etc., e assim teremos a importancia de taes analyses depois consideravelmente ampliadas por outros sabios, devendo, por exemplo, citar-se Pasteur que ensinou a cultival-as.

E, pois, já hoje incontestavel a presença de organismos vivos na atmosphera e de germens diversos nas suas poeiras; e restar-nos-ha fallar em outro artigo das importantes consequencias a que a acquisição d'este facto já deu logar.

VIATOR.

CURIOSIDADES

Secca rapida dos impressos.—Ha muitas vezes necessidade de seccar rapidamente os impressos, a fim de poder entregal-os aos clientes no mais breve praso possivel; sobretudo, quando se trata de encommendas feitas pelas casas de commercio, prospectos, facturas, preços correntes, etc., os impressos tirados quasi sempre em forte papel de cartas ou de escrever, exigiriam algum tempo para enxugar pelos processos ordinarios, e todavia se forem expedidos em seguida á tiragem corre-se o risco de elles chegarem ao seu destino manchados e sujos. O melhor meio para evitar isto é empregar a magnesia calcinada, polvilhando cada folha impressa e tendo cuidado de não roçar umas pelas outras

Póde-se tambem recorrer á magnesia quando haja necessidade de empregar na impressão a côr de bronze, juntamente com outras. Se não se esperar que as demais cores sequem antes de imprimir o bronze, as particulas d'este adherem áquellas, não havendo facilidade de destacal-as, inconveniente que se evita seccando as folhas antes da tiragem a bronze.

A imprensa no Japão está muito desenvolvida. Ha trinta annos contava este imperio um unico periodico, e hoje o seu numero eleva-se a 2:000. Perto de 400 publicam-se em inglez e hollandez, e os outros são escriptos em lingua nacional.

Alexandre VI publicou em 1501 uma bulla de excommunhão contra os impressores que publicassem doutrinas perniciosas. Em 1515 o concilio de Latrão prohibiu, sob a mesma pena, publicar livro algum sem ter recebido approvação dos censores ecclesiasticos; addicionando tambem a pena de multa contra o impressor, e ordenando aos censores que vigiassem, com o maior cuidado, não se imprimisse cousa alguma que contrariasse a fé catholica.

Na Austria-Hungria ha actualmente 220 fabricas de papel e de cartão, em que funccionam 276 machinas. Existem alli 174 fabricas que preparam a madeira como materia prima, 10 em que se manipula a palha, como materia prima igualmente, e 23 fabricas de cellulose.

A Allemanha, essa conta 809 fabricas de papel, nas quaes funccionam 891 machinas. A maior parte das fabricas allemãs distribue aos seus accionistas 8 a 12 por cento de dividendo.

Ha presentemente nos Estados Unidos, segundo o respectivo censo, 72:726 typographos, lithographos e estereotypadores. N'esse algarismo comprehendem-se, além dos operarios propriamente ditos, todas as pessoas, que se empregam nas typographias, lithographias e estereotypias, e as que, por conta propria, trabalham em diversos ramos das artes graphicas. Só na cidade de Nova York contam-se 8:000 compositores, exercendo a sua arte nas officinas em que se imprimem jornaes e diversas obras. Em Philadelphia ha 5:000 operarios, que trabalham em 350 officinas, sendo d'estas 100, destinadas á impressão de jornaes e outras publicações periodicas, e 3 para publicações musicaes.

IDEAL

Tudo o que ha de correcto e harmonioso,
De mais gentil, sereno e perfumado,
De mais fino, exquisito e delicado,
Tudo se encerra no teu vulto airoso.

Doce visão d'um sonho delicioso!
Se te vejo surgir junto ao meu lado
Não sei que voz ao coração magoado
Me falla ainda de ventura e goso!

Como a deusa do amor, Venus radiante,
Solto o cabello d'oiro ao vento ondeante,
Nasceu da espuma alvissima do mar,

Tu nasceste, mulher casta e formosa,
Do perfume sereno d'uma rosa
N'uma noite dormente de luar!

ALVARO DE CASTELLÕES.

O AMADOR DE QUADROS

O AMADOR DE QUADROS

Para prevenir desde já qualquer pergunta curiosa do leitor ou da leitora sobre quem seja este amador de quadros, diremos que não nos concedeu a sorte a honra de conhecel-o.

Igualmente desconhecemos a sua procedencia e nacionalidade. Poucos dados alem d'isso a estudos de trajos, tambem não podemos dizer o seculo a que pertence. Como vêem, é lastimosa a nossa ignorancia, mas promettemos não tornar... a publicar este retrato. De resto, olhando para elle vê-se logo que é um individuo sentado, do sexo masculino, meia idade, rosto comprido, olhos piscos, cabello empoado, mosca, e não sabemos se algum signal particular.

Quanto á posição poderá ter... a que os leitores quizerem alem da que já tem na cadeira. Em todo o caso parece que deveria possuir d'aquillo com que se compram as amendoas... e os quadros. N'esta occasião está elle admirando precisamente alguma bella obra d'arte, que o tem como que embevecido e extatico, mas sem perder um tom levemente ironico na commissura dos labios. Naturalmente é que ao mesmo tempo pensa no preço, e acha talvez um poucochinho caro —porque as pessoas ricas tambem ás vezes se parecem com os pobres n'este ponto — em não acharem barato aquillo que desejam.

Se elle for, porém, um amador a serio descansem que a final compra o quadro. O dono ou dona d'elle até já tem naturalmente essa certeza, por isso deixam que elle o admire e contemple bem á vontade. Demais, sempre lhe farão um abatimentosito... na moldura.

E como elle então será feliz, plenamente feliz, no dia em que for escolher na galeria o logar para o novo companheiro que chega! Será mesmo com um enthusiasmo religioso que, depois de o pendurar entre um Rubens que ainda o anno passado adquiriu, se —porventura o Rubens no seu tempo já pintava— e um outro mestre hollandez cujo nome não nos occorre agora... por causa das duvidas,—elle olhará ainda uma vez para a sua nova joia, e dará com a lingua aquelle celebre estalo que indica o contentamento intimo.

Scenas da vida academica

PEPITA

(Esboço do natural)

Continuado

Contavam-se tambem historias caricatas que aureolavam n'um fundo burlesco o Araujo pandorga, ou o primo Rufino, enfiado e amarello. E esses casos propalavam-se todos os annos em edições sempre augmentadas, como os livros por que estudavam.

O escriptorio do director era um quarto quadrado, alegre e forrado de verde. Em frente da porta baixa de mogno polido, com duas ellipses de vidro com *Escriptorio* em lettras vermelhas, estava um sofá de *cretone Pompadour* como o reposteiro sempre corrido da porta.

Nas outras duas paredes, fronteiras uma da outra, a secretaria tomando a direita a uma janella e a estante larga brilhante de polimento.

E no chão, da porta ao sofá a alcatifa florida, tinha um sulco russo do uso onde sobresaía ainda o vermelho de algumas flores mais vivas. A porta dava para um corredor estreito e escuro, que communicava com a escada por uma porta pequena á direita. Apenas, quando alguma das portas se abria, uma faxa de luz o allumiava diffusamente, deixando sempre na mesma escuridão o fundo.

Um dia o director fôra procurado por uma senhora. O continuo todo attencioso conduzíra-a ao escriptorio, e corrêra apressado a chamar o patrão. De passagem dera a sua opinião da *femea* a dois alumnos. E quando d'ahi a pouco o Araujo enfiára a passo curto, cofiando a barba, pelo corredor dentro, os dois rapazes, sob o impulso de um bom alvitre, metteram discretamente atraz d'elle. E do fundo escuro, viram-no voltar a recommendar ao criado que: —se viesse alguem esperasse na sala— depois ouviram correr o ferrolho pequeno.

Approximaram-se cautelosos, e um espreitou pela fisga que deixavam entre si as duas portas.

Em frente no sofá Pompadour, escancarado e macio, a mulher descalçava devagar as luvas compridas, o Araujo gesticulando olhava-a, avido, vermelho. Fallaram. E no corredor apenas se ouvia uma vózinha macia, soprada, cheia de *ss* e a voz grossa e rude do Araujo. E tagarelando sempre, a mulher trejeitava. Então o Araujo de lado, no sofá, a perna curta estendida até ao tapete ía-se chegando cada vez mais. Ella sorria, e elle, sorrindo tambem, tomou-lhe a mão. E ella sempre tagarelando, sorria sempre.

O Araujo rubro, empuxou-a fortemente... Um valente encontrão na porta foi resoar no escriptorio, echoando surdamente por todo o corredor. Em seguida a porta abriu-se, e o Araujo, já livido, deitou um olhar faíscante por todo o corredor. Atraz d'elle, a mulher, nervosa, agarrava as luvas e o *visite* com o ruido tilintado e aspero dos vidrilhos.

O corredor estendia-se adiante com um diminuir de luz que deixava o fundo negro—illimitado. E ahi, escondidos n'aquella escuridão, os dois continuavam a ver:

O Araujo insistia, parecia explicar baixo o facto, e ella nervosa sempre, enfiava o *visite*, os braços p'ra traz e o peito levantado, alto e saliente.

A tradição conservára na essencia aquelles promenores, e desde então os accessorios augmentaram como as barbas do Araujo cresceram—naturalmente.

E emquanto ao primo Rufino —diziam— fôra turbulentamente esbofeteado por uma criada loura e cheia, que lhe fugíra de entre os dedos ossudos n'um momento de sensualidade furiosa. A criada, empertigada na sua superioridade de occasião, corrêra, os cabellos em desalinho e fizera escandalo em cima na saleta, entre dous alumnos consoladores.

Espirito emprehendedor de familia, em sangue ardego de celibatarios!

No meio da monotonia d'aquella vida exagerava-se terrivelmente o goso da vida, fóra d'ali, em liberdade. Os *externos* eram interrogados com soffreguidão —o que faziam depois de jantar?— se tinham ido ao circo?— que tal trabalhava a Emma?— e certas particularidades femininas, que lhe deixavam os musculos frouxos, n'uma molleza lassa de desejo. Um jornal lá dentro, era lido desde a *Chronica do dia*, até ao ultimo annuncio coroado da Companhia Real Ingleza. E ainda que o jornal fosse de dois, tres dias mesmo antes, a leitura era sempre avida, voraz.

Aos domingos, á noite, o Medeiros á janella, sentia subir até ali o burborinho da cidade baixa. Concluia o rodar suave dos trens de mollas e embriagava-se com o clarão no horisonte das ruas illuminadas. Entrevia então, o Chiado, um declive largo e sempre claro, ao fundo, em baixo, o vidro immenso do Hotel Universal, a entrada amplamente illuminada, a escadaria de passadeira de côres vivas, e o porteiro vistoso.

Lateralmente os passeios largos, asphaltados onde ía e vinha muita gente com um ruido estranho e enervante.

Vestidos claros e facetos forrando com elegancia, em figurinos exquisitos, as fórmas cheias de mulheres bonitas, alegrias que passavam tagarelando, rindo na confiança intima de um amante que lhes dava o braço.

O Medeiros então, sentia-se embalado nas mollas suavemente elasticas d'esses *landaus* forrados de amarello, ou via-se n'aquelle ruido do Chiado, rebocado, com um signal de piparote no chapéu inclinado, por duas mulheres d'aquellas que riam, riam muito, umas gargalhadas estridentes, argentinas, cheias de desejos.

Mas estrondosamente o Pimenta batia as palmas para a ceia e o Medeiros, com um signal de riso ao canto da bôca, olhava parvamente o desfilar vagaroso do collegio.

Alcançára n'umas férias que o pae lhe evitasse aquella vida triste como uma prisão.

Aproveitou o conhecimento do Cruz, e só seis mezes depois é que o Sousa se lhe reunira por iniciativa do amigo.

Até ahi, o Carlos Medeiros n'esse anno que decorrêra, procurára debalde a desforra da insipidez passada. A realidade fôra então um sôpro que lhe bafejára o castello de cartas dos exageros. Os *landaus* immensos e largos, rodavam com um barulho aspero e incommodo, salpicando lama no faiscar das rodas; o Chiado apparecia-lhe outro, lamacento e sujo; as alegrias que passeavam gargalhadas á luz crua do gaz, usavam dentes postiços e rasgavam os olhos a bistre, e a tagarelice continua, o ruido immenso da conversa jovial, era dominado pelos guinchos tristes e agudos da flauta de um esfarrapado, que mendigava a uma esquina.

ARNALDO FONSECA.

(Continúa)

BIOGRAPHIA DE JOÃO GUTENBERG

POR LAMARTINE

XVI

Era pouco. Os herdeiros de um dos seus consocios intentaram-lhe um processo, disputando a invenção, a propriedade, a exploração da obra. Levaram-no perante a justiça de Strasburgo para o condemnar a não se sabe que espoliação mais authentica e mais juridica que a espoliação voluntaria a que elle proprio se havia condemnado. Foi extrema a sua perplexidade diante do tribunal. Para se justificar, carecia entrar nos promenores technicos de sua arte, que todavia não queria ainda totalmennte vulgarisar, reservando, ao menos para si, o mysterio de suas esperanças. Os juizes, curiosos, instigavam-no com perguntas insidiosas a fim de alcançarem respostas que descobrissem o segredo de todos os seus processos. Gutenberg illudia-os, preferindo o condemnamento á vulgarisação da arte.

Os juizes, então, para conseguirem saber a descoberta que tanto prendia a imaginação do povo, citaram os seus artistas mais intimos para que declarassem publicamente o que sabiam a este respeito. Estes homens, simples mas fieis e profundamente affeiçoados a Gutenberg, negaram-se a revelar cousa alguma. A propriedade do seu mestre ficou mais segura no seu coração, do que no dos egoistas seus consocios. Nada pois transpirou dos ultimos mysterios d'esta arte. Gutenberg, abatido, condemnado, póde dizer-se expulso, retirou-se, só e pobre, a Moguncia, para ahi recomeçar os seus trabalhos, reconstruir a sua vida, reconquistar a sua gloria. Gutenberg contava ainda poucos annos, e o ruido do seu processo em Strasburgo tinha-lhe popularisado a fama; todavia elle reentrava artista em um paiz d'onde havia saido gentil-homem. A humilhação, a indigencia e a gloria luctavam entre o seu destino e as vistas dos seus concidadãos. Só a amizade o reconhecia pelo que havia sido e pelo que deveria ser um dia.

XVII

Eis aqui o que dizem a este respeito as tradições locaes, e o que attestam dois monumentos authenticos dos archivos da cathedral de Strasburgo, do anno de 1437: Um, certifica que a senhora *Annette da Porta de Ferro,* esposa de Gutenberg, fez um donativo á cathedral para adquirir o direito de inscrever o nome na lista dos bemfeitores, e assegurar assim as orações por ella e seus descendentes, outro, faz menção do seu fallecimento.

Gutenberg, proscripto segunda vez pelos plebeus vencedores da nobreza, foi amado de uma menina, nobre como elle, da cidade de Strasburgo. Chamava-se *Annette da Porta de Ferro*, nome de sua casa, sem duvida derivado da posse de algum castello feudal dos rochedos do Rheno. Amava-a elle com uma paixão ardente,séria e cavalheirosa, propria d'aquelles tempos de fidelidade. A promessa de casamento foi feita, entre elles mutuamente e por escripto.

Annette da Porta de Ferro, não obstante a pobreza e as desgraças do seu amante, nunca se julgou desobrigada da sua palavra promettida, e guardava-lhe a mocidade, a belleza e o coração.

O dever de Gutenberg, regressando ao territorio de Moguncia, era reclamar a mão da sua desposada, e cumprir o juramento que tambem lhe havia dado; mas não o fez. Ou fosse que temesse condemnar Annette, senhora nobre e distincta, á humilhação e desvalimento em que havia caído; ou fosse que o sentimento de haver prejudicado pelos seus trabalhos artisticos a illustração feudal da sua prole o tornasse indigno desde então, a seus proprios olhos, de aspirar a uma familia nobre, Gutenberg não reivindicou a palavra promettida, nem se prestou a desempenhar a sua; esperava a rehabilitação e melhores dias de que podesse participar a dama que elle amava. A sua humildade e os seus escrupulos resistiram ás mais ternas instancias da sua noiva, e só foram vencidos por uma intimação judicial perante a competente auctoridade de Strasburgo, a fim de cumprir a promessa de casamento que havia feito.

Esta intimação de Annette da Porta de Ferro a seu amante existe presentemente como o unico documento authentico de seu casamento. Gutenberg cedeu alfim a esta generosa violencia do amor: desposou Annette, e os filhos que teve d'ella não lhe sobreviveram. A lembrança dos grandes homens é a sua invenção; o herdeiro, o genero humano.

Após a decisão dos juizes do processo, em 1439, que deixava Gutenberg senhor do seu segredo, condemnando-o unicamente a dar uma indemnisação aos herdeiros de André Dritzehen, elle abandonou os claustros do mosteiro de Santo Arbogarto, e tornou a entrar em Strasburgo. Habitou então a casa de Thiergarten, estabelecendo ahi a sua primeira imprensa.

Será talvez curioso notar que o logar d'esta casa é onde agora se acha estabelecido o lyceu, como se este logar houvesse sido designado antes para um grande intento, e que depois de ter fixado as sciencias pela typographia, viesse a propagal-as pelo ensino.

Quando Gutenberg foi compellido a sair de Strasburgo em 1446, deixou n'ella as tradições da sua arte nos collaboradores e nos artistas iniciados na sua descoberta e nos seus processos. Achâmos Mentel ou Metelin, notario publico, que sómente se naturalisou burguez de Strasburgo em 1447, e Eckstein, conego da cathedral, os quaes, ajudados do fundos fornecidos pelo convento dos Cartuxos, sem terem trabalhado em similhante arte, ainda então pouco conhecida, estabeleceram-se como typographos, e procederam com a maior celeridade a imprimir, e a dar á luz uma *Biblia allemã*. Muitas outras obras appareceram successivamente, saídas da imprensa de Mentel, que lhe deram interesse, ao passo que o infeliz Gutenberg, perseguido pela miseria, voltava profugo para Moguncia.

A fortuna, que tinha augmentado a influencia de Mentel, e a emulação que subsistia entre as cidades independentes de Moguncia e de Strasburgo, favoreceram os ambiciosos desejos de substituir seu nome pelo de Gutenberg. Conseguiu-o tão completamente, que em poucos annos Gutenberg foi esquecido ou voluntariamente abandonado; e Mentel proclamado, em Strasburgo, inventor da *arte divina* e das festas instituidas em sua honra. Trad. de JOSÉ ANTONIO DIAS.

UM EPISODIO DA HISTORIA ROMANA

DESTRUIÇÃO DE ROMA PELOS GODOS

Era a terceira vez que Alarico vinha estabelecer os seus arraiaes, sob os muros da cidade eterna. D'esta vez, porém, o barbaro rei godo não estava disposto a acceitar propostas nem a entrar em transacções com os romanos, que já por duas vezes o haviam ludibriado, faltando aos seus compromissos e violando a fé dos tratados.

A sua chegada intimou peremptoriamente o senado e o povo a que se rendessem á discrição, e postando as suas hostes em volta da cidade, e obstruindo o Tibre, cortava toda a communicação da cidade com o exterior, impedindo-lhe o abastecimento.

O senado e os magistrados, comprehendendo que nada poderia aplacar a ira do feroz Alarico, invocaram o patriotismo dos habitantes da cidade, e, contando só com os proprios recursos, prepararam-se para uma defeza a todo o transe.

Passavam-se estes acontecimentos em 409, e era então imperador o imbecil Honorio, filho e successor de Theodosio, o Grande, que, olvidando os deveres de chefe da nação e as boas tradições e exemplos legados por seu pae, passava a vida em Ravena, rodeado de suas mulheres e eunuchos, entretendo-se com os seus viveiros de passaros, educando e tratando elle proprio das aves domesticas, pelas quaes tinha singular predilecção.—Que lhe importava Roma? Para sua segurança e defeza pessoal contava com as hordas de Sarus, um bandido que por muitos annos devastára as provincias romanas, e que, em premio de suas façanhas, fizera nomear chefe das milicias do occidente.

A capital do grande imperio tinha, portanto, de prover á propria defeza, perdida toda a esperança de auxilio externo, e assim o fez, dando ao mundo um grande exemplo de quanto póde a dedicação civica de um povo que defende os seus lares e lucta pela liberdade.

Os romanos, já por então effeminados e entorpecidos pelos prazeres e pela devassidão, despertaram do seu pesado lethargo, recobrando a antiga energia em presença do perigo imminente que os ameaçava, e a sua coragem n'esta conjunctura tocou a meta do heroismo.

Nos primeiros mezes do cerco deram os barbaros impetuosos assaltos á cidade, mas, a despeito da sua bravura e superioridade numerica, foram sempre repellidos, chegando o arrojo dos sitiados ao extremo de virem atacar o acampamento do inimigo para destruir ou inutilisar as suas machinas de guerra. Alarico, convencido da improficuidade dos seus assaltos, e tendo a certeza de que Honorio, pela sua inepcia e cobardia o não viria incommodar, limitou-se a estreitar mais o cerco, deixando obrar o seu terrivel auxiliar—a fome.

Seria demasiado longa a descripção de todos os horrores causados por esse flagello. Bastará dizer que, depois de consumido pelos sitiados tudo quanto podia servir de alimento, recorreram á carne humana! Aos que não queriam partilhar d'elle ía-se extinguindo gradualmente a vida n'um abatimento estupido, mas,—tal é o verdadeiro sentimento do dever,—não se rebellavam! Morriam não fallando sequer em render-se! Ninguem cuidava de enterrar os mortos; arrastavam-se os cadaveres inteiros ou mutilados, para o centro das praças publicas, e ahi se formavam montões de corpos humanos, viciando a atmosphera com as suas exhalações pestiferas.

Nunca se soube ao certo se foi a traição que entregou Roma aos barbaros, ou se a sua entrada na cidade se deveu a um ardil dos sitiantes. A versão que parece mais exacta é a de Procopio, biographo de Belisario, o qual conta que uma nobre matrona romana, chamada Proba Faltonia, pertencente á illustre familia dos Anices, vendo a immensa população da cidade debater-se nas angustias da guerra e da fome, sem esperança de salvação, levada pelo seu espirito religioso, e confiando talvez na clemencia dos godos, que seguiam como ella a religião de Christo, ordenára aos seus numerosos escravos que se apoderassem durante a noite da porta Salaria, e dessem signal a Alarico, a quem naturalmente prevenira de antemão. O que é certo é que a 24 de agosto, quando a noite ía em mais de meio, os soldados de Alarico irrompiam na cidade pela porta Salaria, ao som das trombetas, e por entre os gritos selvagens, que acompanhavam sempre as suas investidas. A medida que avançavam íam lançando fogo ás habitações e passando á espada os habitantes que, despertados em sobresalto pelos gritos de guerra e pelos clarões do incendio, fugiam espavoridos em todas as direcções. A carnificina foi horrivel! Os barbaros, desesperados pela longa e tenaz resistencia, ebrios e sedentos de sangue, commetteram toda a sorte de atrocidades. Alarico dera ordem aos chefes das suas divisões para que só fossem respeitadas as duas basilicas de S. Pedro e S. Paulo com as suas ricas alfaias e demais preciosidades, bem como a vida de todos que n'ellas procurassem refugio; quanto ao mais tudo deveria ser saqueado, os despojos reunidos em locaes determinados, e os grandes templos pagãos, monumentos, palacios e edificios publicos ou particulares, destruidos pelas chammas.

Depois de tres dias e tres noites de saque Alarico deu o signal de partida e o seu exercito saíu da cidade levando atraz de si, alem dos riquissimos despojos da opulenta Roma, um outro exercito de prisioneiros de todos os sexos, idades e jerarchias, entre os quaes se contavam senadores, altos funccionarios e magistrados e até a propria irmã de Honorio, a princeza Principia, e todos emfim de quem suppunha poder ainda alcançar resgate ou servir-lhe de refens em caso de necessidade.

Atravessando a Campania, saquearam e destruiram a cidade de Nole; as povoações e cidades da Lucania e da Calabria tiveram a mesma sorte, e o incendio de Rhegium fez saber aos habitantes de Messina o perigo que os ameaçava.

Com effeito Alarico dispunha-se a atravessar o estreito e a invadir a Sicilia, e para esse fim fez reunir as embarcações que póde alcançar em todo o litoral, embarcando a maior parte do seu exercito; mas, quando se faziam ao mar, uma d'essas horriveis tempestades que costumam açoitar as costas sicilianas destruiu em poucas horas toda a expedição. Alarico, do alto dos rochedos d'onde assistia ás operações do embarque, póde comtemplar aquella funebre scena de destruição. Do exercito que conquistára Roma já não existiam senão alguns fragmentos heterogeneos, com os quaes era impossivel tentar qualquer empreza.

Abatido por este revez e por uma sombria tristeza que d'elle se apoderára desde a tomada de Roma, ordenou a retirada. Mas a melancholia não o abandonava; a desconfiança e a superstição preoccupavam-no constantemente; por toda a parte via inimigos imaginarios; dir-se-ía que na consciencia do barbaro semi-civilisado pesavam, como uma maldição, o incendio e as ruinas da cidade eterna. Passados alguns dias morria em Cosenza, succedendo-lhe no mando seu cunhado Ataulpho.

As avultadissimas riquezas, saqueadas em Roma e de um valor incalculavel, constituiram depois o thesouro dos reis wisigodos.

PEDRO FREITAS.

DESDEMONA

És a mimosa flor que a tempestade
esfolha, e como a estrella radiosa,
que se vai esconder na immensidade,
perdendo a sua agitação nervosa,

tu vaes morrer tambem; a crueldade
em breve vae tornar sombria lousa
o leito, onde a fugaz felicidade
te fez saber o que era ser ditosa.

Julgas talvez ainda em sonhos vel-o,
o noivo a quem adoras; delirante
tu beijas porventura o seu cabello,

Oh! sonha, sonha, coração amante,
que o assassino feroz—o negro Othello—
só te deixa sonhar um curto instante!

CARLOS LEAL.

EXPEDIENTE

O delicado e finissimo poeta o sr. Alvaro de Castellões, que hoje visita pela primeira vez o nosso jornal, fez-nos o favor de conceder-nos ainda uns outros versos seus para o proximo numero, promettendo-nos alem d'isso a sua collaboração, o que muito lhe agradecemos.

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem a importancia do trimestre que finda com o n.º 12 do nosso jornal, a fim de não soffrerem interrupção na remessa d'elle.

IMPRENSA NACIONAL